



Capitão-de-Fragata Felinto Perry, primeiro Comandante da Flotilha de Submarinos.

PRECURSORES BRASILEIROS DO PODER SUBMARINO

Abertos os caminhos do mar, abriram-se os caminhos da Liberdade.

(Aurélio Linhares in: *Abertura dos Portos*)

ARLINDO VIANNA FILHO
Capitão-de-Fragata

A humanidade, no seu navegar, é obstinada e paciente, voluntariosa e espontânea; por vezes dura, mas, sempre, justa e austera. Basta viver com dignidade.

Nossa travessia, lenta no princípio dos tempos, é sempre assinalada por óbices e dificuldades que, apenas, estimulam o homem a insistir no seu aper-

feiçoamento e a encontrar rumos seguros para o sucesso. A propósito, que prazeres teria a vida não fosse o superar dos obstáculos?...

Cada escala, cada milhares de anos, cada estágio do progresso dos povos é aprendizado inalienável de conhecimentos e experiências, vivências e sucessos, herança cultural que distingue o ser

racional da besta-fera e faz perene a humanidade.

As experiências e descobertas do gênio humano são, com perseverança e contumácia, acumuladas no passar dos séculos em base indestrutível, para o desenvolvimento das civilizações.

Ao abandonar os oceanos — habitat primeiro da vida — as espécies primitivas arrastaram-se nas areias das praias por incontáveis milhares de anos.

Certa vez um pensador naval¹ — nós também temos pensadores — disse-nos que o primeiro hominídeo ao por-se ereto, trocando quatro por dois apoios, deve tê-lo feito entre surpreso com a descoberta da nova habilidade e envergonhado com a audaciosa atitude. Quanto significou esta aventura para o êxito do homem?

Os milênios se sucedem e descobertas surpreendentes respondem aos desafios que se apresentam continuamente.

Que longa travessia de nômade a sedentário, de bárbaro a civilizado!

O homem, de coleta em coleta, subiu os altiplanos e, errante, depredava de dia e ocultava-se à noite das ameaças de extermínio.

De peregrino a zeloso proprietário da terra, domesticou animais e — impulso notável — dominou o fogo, precipitando o alvorecer das civilizações.

Se desejarmos saciar a curiosidade e saber quem inventou o trabalho, devemos buscá-lo na Idade da Pedra. O labor, esse novo personagem do *teatro de operações do homem*, e a concretização do mais longínquo sonho da terra. O comércio foi uma consequência. A guerra — repetimos o mesmo pensador naval¹ nada mais é que uma forma de trabalho.

Não sabemos se um preguiçoso ou um diligente querendo progredir mais rápido inventou a roda. Menos esforço; mais pressa. O homem inteligente procurou as margens férteis dos rios e aí nasceram as primeiras civilizações. A corrente fluvial lhes indicava o destino para os mares e as embarcações lhes

abririam todas as possibilidades do futuro na Terra. Pelas vias líquidas as civilizações expandiram-se pelo planeta; os grupos humanos romperam as fronteiras do desconhecido, ocupando novos espaços, ampliando os limites do conhecimento.

Eis o processo de transmissão da cultura é enriquecido com a escrita. Então, a nebulosa pré-História e os enigmas da proto-História presenciaram o alvorecer radiante da História.

Mas, a verdadeira, a grandiosa extensão da humanidade só foi totalmente percebida e avaliada, quando o historiador se encontrou com o homem do mar, quando o navegador se associou ao homem de letras. *Nulla dies sine linea!* nenhum dia sem nova linha, nenhum dia sem nova descoberta se sucedeu a este portentoso encontro!

Eis porque, talvez estejamos aqui neste templo da cultura² reunidos: marinheiros, forjados no salitre marinho e acostumados aos horizontes infindos; e historiadores implacáveis, imparciais testemunhas ativas e nobres, cultas e diligentes do longo viajar dos povos.

Navegamos juntos por milênios. Juntos registramos o crescer da humanidade e participamos do progredir da civilização.

Heródoto, o pai da História; Marco Polo e o *Milhão de Maravilhas do Mundo*, Camões, naufrago poupado sabiamente pelos mares com a narração da epopéia de Os Lusíadas. Pero Vaz de Caminha... Colombo, Vasco da Gama, Álvares Cabral...

As descobertas do homem jamais serão esquecidas! Foi definitivamente quebrado o isolamento das civilizações, transportadas pelos navios, eternizadas pela escrita.

NOSSOS PRECURSORES

É óbvio que não temos a pretensão de aqui nesta casa² — mesmo para estes espectadores benevolentes e amigos — falar de historiadores e de navegantes.

1) Almirante Aurélio Linhares.

2) Serviço de Documentação Geral da Marinha.

Vamos, sim, aplaudir os sonhadores.

Não são os sonhadores que propiciam a realidade? Não são os sonhadores, não são os idealistas que constroem a Pátria e tudo que nela existe?

Permitam-me sair, ousada e inconseqüentemente, dos primórdios do conhecimento humano e avançar o tempo por alguns milhares de anos, somente alguns dias o implacável contador do tempo!

Ah!... Como seria bom se pudéssemos, de fato, atrasar, não adiantar, atrasar uns poucos anos ou mesmo alguns dias o implacável contador do tempo!

Vamo-nos localizar no início do nosso fulgurante Século Vinte, quando o homem, talvez por atavismo, começa a fazer praticáveis *engenhos náuticos* com os quais pudesse percorrer, a seco, as profundezas do mundo submarino. Entreabria-se a perspectiva de se romper o último obstáculo ao desenvolvimento dos povos, de se ultrapassar a fronteira líquida que encerra o maravilhoso mundo silencioso, o *planeta áqueo*.

Os nossos sonhadores logo se aperceberam do valor do submersível para a segurança das nações e — porque não acreditar? — devem ter vislumbrado a expansão do ecúmeno ou, pelo menos, todas as possibilidades de exploração da talassosfera, do imenso espaço submarino cujas potencialidades o homem teima e reluta reconhecer, embora, (permitam-me dizer) tolo, se tenha apressado em logo ir à Lua, quando no desafio dos mares são mais promissoras as respostas para nossos anseios.

Continuamos ousando trilhar as rotas das fontes históricas que, para nós, marinheiros, apresentam abismos ameaçadores.

Em 1914, o Almirante Percy Scott causou surpresa e provocou conjecturas e comentários dos analistas militares da época ao afirmar, em declaração publicada no *Times* e reproduzida na imprensa mundial, que “professava a crença de ser possível um dia a superioridade do submersível sobre o encouraçado”. Anos antes, em 1908, já havia declarado aos uruguaios que com “uma flotilha de submersíveis corajosamente comandados se encarregaria de tornar

inacessível a bela Baía de Montevideu e impediria a aproximação dos melhores couraçados dos dois poderosos vizinhos”. Em ambas as ocasiões o ilustre militar inglês não estava sendo original e, nem mesmo, completo.

Anos antes, em 1901, o Tenente Felinto Perry, o bravo Perry, ocupava com proficiência as primeiras páginas da imprensa brasileira e, clarividente, enunciava: “O mundo marítimo contemporâneo assiste neste começo de século, com a consagração do submarino como arma de guerra, aos primeiros sintomas de uma profunda transformação dos meios e processos da guerra naval. Uma esquadra só estará segura dentro de um porto defendido por submarinos. Em qualquer outro caso, ser-lhe-ia preciso fazer-se ao mar e navegar a todo vapor para garantir sua segurança contra ataques de submarinos”. Naquela época, embora reconhecesse que ainda “o submarino, é certo, não atingiu a perfeição desejada para a navegação nos fundos dos mares afirmava que dentro da esfera das necessidades da guerra naval ele se tornou um instrumento aperfeiçoado e, por conseguinte, um poderoso agente da paz”.

Estamos ainda em 1901. A imprensa especializada, que já conhecia e respeitava o denodado Perry, passou a apoiar o profissional culto e fluente que, com destemor, propugnava por uma flotilha de submersíveis para desestimular antagonismos e manter a soberania de nossa Pátria.

É dos jornais da época³: *Poderoso* agente da paz. “É exatamente sob este aspecto que encaramos a necessidade e a urgência de adquirirmos essas armas... de paz”. Ainda nos periódicos, colhemos estas jóias inspiradas no ideal, no sonho de Felinto Perry:

“O nosso litoral tão caprichosamente recortado de enseadas e abrigos de toda a sorte, apresenta-se como um excelente campo de ação natural para as evoluções de submarinos. À sombra das suas ilhas, dos seus ar-

3) No *Jornal do Comércio*, artigo assinado por Pangloss que, em 1901, acorria, por diversas ocasiões, em apoio às idéias de Felinto Perry.

recifes, da arrebenção das suas res-tingas como o dorso de uma rocha à flor d'água, no momento em que o crepúsculo envolvendo a terra con-funde e apaga os objetos, ele, sorra-teiramente, se aproxima à distância de enviar a morte ao flanco do mais poderoso couraçado; e, quando este, passado o primeiro momento de sur-presa, se lhe tiver falhado o bote, quiser castigar o seu diminuto agres-sor, o submarino navegará incólume, tranqüilamente, a três ou quatro me-tros abaixo da superfície do mar”.

O Tenente Perry reconhecia os pro-blemas que a tecnologia deveria resolver, mas em momento algum duvidou da capacidade do homem em solucio-ná-los. Foi além. Estava convicto da par-ticipação futura dos submarinos na ob-tenção da paz e no repúdio da guerra.

Ouçamos suas palavras: “Todos os ramos do saber humano desenvolvem-se com tão grande rapidez que não devemos estranhar se cada ano decori-do for um passo maior para a solução completa do problema da navegação submarina.

O espírito humano, já agora, não des-cansará nesta senda”. Com notável lu-cidez e visão do porvir aconselhava: “Urge, pois, que não nos distanciemos; que na posse dos segredos experimenta-dos da nova arma concorramos para cada vez mais afastar de nós o espec-tro da guerra”.

Felinto Perry viu seu sonho realizado. Fiscalizou a construção dos nossos pri-meiros submarinos na Itália e exerceu o cargo de Comandante da Flotilha de Submersíveis e de Diretor da Escola de Submersíveis.

Foi o primeiro Comandante da Flo-tilha de Submersíveis da Marinha do Brasil! Bravo Felinto Perry!

A dedicação e competência, a ener-gia e a firmeza com que acompanhou a construção dos *F* resultaram em na-vios valorosos e fortes como que se seu idealizador e os próprios navios ti-vessem um só corpo, um só coração, uma só alma.

Sim! Navios têm alma! A Flotilha de Submarinos, também! O sonho dos seus

precursores, os ideais de seus sonha-dores, a devoção dos submarinistas, o amor à Marinha, o patriotismo dos bra-sileiros.

A imaginação é livre; os devaneios não têm exclusividade. Os ideais são agregadores; os idealistas têm anseios comuns e predestinam o País à glória e à realidade das grandes ações.

Outros brasileiros também acredita-ram nos submersíveis. Jacinto Gomes, Melo Marques, Emilio Hess. O Almi-rantado recomendava submarinos: Mau-rity, Carlos de Noronha, Henrique Pi-nheiro Alves Câmara, Lemos Bastos, Cavalcante d'Oliveira, Oliveira Macha-do. E toda a Marinha.

O Almirante Emilio Júlio Hess no início do século, ainda tenente, não só desenvolveu projeto completo de um submersível, que logrou o reconheci-mento dos mais notáveis construtores europeus, como analisava profundamen-te o valor militar do submarino, segun-do suas palavras: “Sempre senhor abso-luto do momento oportuno para o ata-que e do instante conveniente à retira-da”. O advento dos submarinos colocou a esquadra, já dizia o Tenente Hess *Constan-temente ameaçada de formidável ataque por inimigo que facilmente lhe ilude a vigilância e com presteza pode dar golpes quando descoberto, para pouco depois renovar a sua agressão*. E sobre submarinos prossegue Emilio Hess em artigo publicado na Revista Marítima Brasileira, 1º semestre de 1895, como parte da porfia em que en-gajara há cerca de dez anos antes. “Foi esse o novo tipo de navio de guerra que procurei conseguir para a defesa do Brasil e certamente as condições es-peciais do país o tornam desejável na Marinha Nacional. Quer se encare o pro-blema de defesa do Brasil contra uma agressão vinda do mar, já sob o exclu-sivo ponto de vista militar, já sob a feição especial da política interna e principalmente da política internacional, já sob o aspecto econômico-financeiro, dificilmente se atina com melhor solu-ção (melhor solução, afirmava Hess) que aquela que tiver por base a orga-nização de esquadrilhas de submersí-veis, espalhadas ao longo de toda a cos-

ta, com pequenas bases de operação independentes e setores de ação previamente determinados". Mais adiante, com números, descrevia o poder combatente



Almirante Emílio Júlio Hess.

de uma flotilha de submersíveis: "quarenta e cinco submersíveis de trezentas toneladas de deslocamento, com velocidade de vinte e cinco a vinte e oito nós e duas mil milhas de raio de ação (com) poder ofensivo (de cada unidade) representado por dez torpedos (num total de) quatrocentos e cinquenta torpedos dotados dos elementos de mobilidade excepcionalmente grandes. Tais algarismos, (concluía) tornam perfeitamente ocioso maior desenvolvimento do assunto".

PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DE 1904

Antes de adquirirmos os *F*, foram realizadas tentativas épicas para dotar a nossa Marinha de submarinos. Em

1894, quando chefiava o Estado-Maior General da Marinha, o Almirante Júlio César de Noronha sugeriu, em relatório, um programa mínimo para a Esquadra Brasileira incluindo dois submarinos assim justificados: *Esses instrumentos de guerra que, em repetidas experiências, deram provas satisfatórias, são, a meu ver, poderosos elementos, assim de ataque, como de defesa dos portos e suas cercanias.*

Vindo a ser Ministro da Marinha, o Almirante Júlio César de Noronha incluiu no Programa Naval de 1904 a aquisição de três submarinos, tão convencido estava da utilidade de tais unidades.

Este programa naval foi apresentado à Câmara dos Deputados pelo Dr. Laurindo Pita. Sua vibrante oração ao apresentar e defender o projeto na Câmara, na seção de 7 de junho de 1904, são palavras que ecoam até hoje como pujante aula de patriotismo. Vamos repetir, com emoção, trecho de Laurindo Pita por uma forte Esquadra: "... voltamos saudosos e magoados para esse oceano, de onde ela se ausentou, interrogando-o com a dor infinita do pa-



Almirante Júlio César de Noronha.

triotismo: onde a Esquadra Brasileira? E pelo vasto mar deserto deslizam os vultos que a mágoa evocava aos olhos de Bradamonte no poema de Ariosto. É o *Amazonas*, sobre cuja caixa da roda alveja a longa barra branca de Barroso, assinalando nas águas do Sul o dia de nossa maior vitória; é a *Belmonte*, rasgando a frente de arriscado passo; é o *Jequitinhonha*, imóvel, varrido pela metralha; e a *Parnaíba*, em cujo convés foi escrita a glória de Greenhalgh e Marcílio Dias; é, finalmente, o *Tamandaré* levando para o segundo plano da história universal tantos heroísmos, quando Silveira, perdidos um braço e uma perna, se despede serenamente da guarnição, para a morte, ou quando Mariz e Barros fuma tranqüilo um charuto, enquanto lhe cortam a perna e manda dizer ao pai que soube honrar o seu nome!

Vultos gloriosos que deslizam silentes no oceano abandonado! Nomes adorados, que nos é doce invocar”.

É certo que o Programa Naval de 1904 receberia emendas e provocaria debates. Ao deixar o ministério, muitos dissabores viria a ter o Almirante Júlio César de Noronha.

Competentes e sóbrios artigos seus publicados em *O Paiz*, 1909, deixaram bem robustecida no espírito público a convicção de que a Marinha sempre procedeu com a maior correção e patriotismo e que as reivindicações de 1904 tinham o mais completo respaldo profissional, o mais sério sentimento de nacionalidade.

Notável lição, nesta série de artigos, as considerações do Almirante Júlio de Noronha sobre os submarinos, desde o histórico até as possibilidades de emprego da nova arma. Analisando a evolução dos submersíveis desde 1776 conclui, em determinado ponto de seus estudos, que tal é o valor dos submarinos que não é lícito a país algum prescindir deles, *formidáveis instrumentos de guerra*.

Não se desistiu, jamais, da construção dos submarinos previstos no Programa de 1904. As controvérsias sobre os submersíveis não chegaram ao nível

de discordâncias tecnológicas e nunca tiveram profundidade. Céticos diziam serem os submarinos armas de sonhadores (como se isto não fosse virtude).



Deputado Laurindo Pita.

Derrotistas alegavam que a nossa gente não estava e não estaria nunca em condições de manobrar com aparelhos e navios tão delicados. Não conheciam bem os brasileiros...

Coube, finalmente, ao Almirante Marques de Leão, Ministro da Marinha, com base em argumentos de nível profissional, muitos deles apresentados por Felinto Perry, dotar a nossa Marinha com navios chamados submersíveis. O contrato de construção destas unidades, as três primeiras, tem sido referido como dos mais *precisos e rigorosamente organizados, apesar de tratar-se de assunto novo*.

Alguém já disse o *serviço de submersíveis nasceu direito entre nós*.

As *armas de sonhadores* são, agora, força e poder das esquadras, das nações. Os homens que as tripulam, o valor mais alto da nossa afirmação.

CONCLUSÃO

Os submarinos mantêm, hoje, a paz mundial e desde já, nas três dimensões dos oceanos, constroem uma das mais



Almirante Marques de Leão.

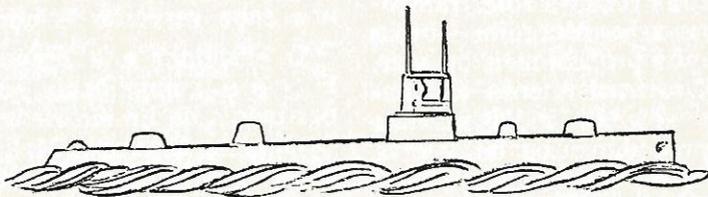
grandiosas perspectivas do futuro, a perspectiva submarina. Já dizia o Tenente Perry: *Nunca engenho de destrui-*

ção fez dar ao homem mais largo passo para os seus ideais de civilização.

Os submarinos, exímios navegantes do espaço interior, contribuem, cada vez mais, de maneira significativa para a manutenção da paz fazendo os riscos com a guerra torná-la indesejável.

É até mesmo possível que a evolução dos povos venha a banir a guerra, terrível deusa do Apocalipse. Mas, mesmo que isto tarde ou não aconteça, os submarinos terão aberto uma porta que já deixa antever porvir portentoso para a humanidade. Os veículos que levarem o homem a explorar todas as oportunidades dos oceanos terão por bases a tecnologia e os conhecimentos desenvolvidos para os submarinos, precursores de idéias e conhecimentos científico-tecnológicos que transformarão sonhos em realidade e levarão à conquista dos cinco sétimos inexplorados do planeta que habitamos há milhões de anos, numa travessia em que se joga o futuro, o tempo que há de vir.

Do Programa Naval de 1904 à Esquadra dos dias atuais a História Naval testemunhou a evolução da Força de Submarinos, da nossa querida Flotilha de Submarinos, desde os valentes F-1, F-3 e F-5 ao atual *Humaitá*, o mais moderno dos convencionais, construído na Inglaterra por encomenda da nossa Marinha quando era Ministro o Almirante Rademaker.



O distintivo dos submarinistas brasileiros inspira-se no perfil dos Submarinos classes F, que foram as primeiras unidades da nossa Flotilha de Submersíveis, criada a 17 de julho de 1914.

No início, o Tênder *Ceará* apoiava os *F*. Há cinquenta anos lançado ao mar, tivemos o *Humaitá*, gigante oceânico que, pioneiro, mostrou a verdadeira dimensão das possibilidades de operações submarinas em regiões distantes. Depois, foram o *Tupi*, o *Tamoio* e o *Timbira*, briosos, valentes, corajosos e bravos, cobertos de glória como os timbiras e bravos como o moço guerreiro tupi contados por Gonçalves Dias.

Riachuelo e *Humaitá* reafirmaram nos mares que não devemos acreditar em obstáculos intransponíveis, em barreiras inexpugnáveis. Depois, foram o *Bahia* e o *Rio Grande do Sul*. Parece que ainda estou ouvindo os homens da tripulação do *Bahia* — oficiais e praças, juntos — responderem, após dura e árdua jornada, à pergunta — estão cansados? — com um unísono e alto, NÃO. E, mais alto e mais forte, vibrando e com emoção, que acreditavam no *Bahia*, na Marinha, no Brasil!

A *Imperial Marinheiro*, manobreira e diligente, foi alvo de nossos melhores carinhos.

Agora, são o *Guanabara*, o *Rio Grande do Sul*, o *Bahia*, o *Rio de Janeiro*, o *Ceará*, o *Amazonas* e o *Goiás*, tão unidos quanto as unidades da Federação, cujos nomes exibem com orgulho. É o Navio-de-Salvamento Submarino *Gastão Moutinho*, que ostenta na popa a lembrança imorredoura do nobre herói da Segunda Grande Guerra. É a Base Almirante Castro e Silva. São os eficientes mergulhadores que têm plena intimidade com a dedicação e abnegação.

O Centro de Instrução e Adestramento de Submarinos e Mergulho forma os mais completos profissionais do mar. O Grupo de Desenvolvimento Submarino trata que sejamos independentes em táticas e procedimentos da guerra submarina e estuda rumos para o nosso desenvolvimento racional.

E já temos novamente o *Humaitá*. Jamais esqueceremos seu nome, seu significado. E o *Tonelero*, e o *Riachuelo*.

Temos orgulho da Força de Submarinos, da nossa Flotilha!

Breve teremos submarinos construídos no Brasil. Não nos podemos contentar com o simples e com o transitório. Nossa vocação para navegar fundo e a grandes distâncias não pode ficar na dependência do rotineiro. Muito já conseguimos em reparos, modernização e atualização de submarinos, desde troca de baterias a substituição de cavernas, de serviços estruturais a grandes alterações nas superestruturas, como as realizadas pelo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro no *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, fazendo-os mais hidrodinâmicos, mais silenciosos e mais velozes.

Construiremos submarinos!

Nós tripularemos submarinos construídos no Brasil!

Creia em nós, Felinto Perry. Creia em nós, Emilio Hess. E Jacinto Gomes, e Mello Marques, e Veríssimo Barbosa de Souza. Nós, do presente, somos, apenas, testemunhas privilegiadas da concretização de vossos sonhos, da realização de vossos ideais, de mais uma escala nitente do navio maravilhoso que vós pusestes, um dia, a navegar e a mergulhar.

Nestes três primeiros quartos do século XX os submarinos, em todas as marinhas; e na nossa, criaram em torno de si um ramo específico e nobre do serviço naval — os submarinistas, autênticos marinheiros, marinheiros até debaixo d'água.

Somos unidos por sentimentos e apreensões comuns, ideais e tradições nobres e dos quais temos justo orgulho.

Brasileiros, herdamos — pesada e sublime responsabilidade — legado que nos cabe respeitar e honrar:

O destemor e a bravura de Felinto Perry; a competência, clarividência e pertinácia de Emilio Hess; o entusiasmo de Jacinto Gomes e Mello Marques. A dedicação de Castro e Silva. O denodo marinheiro do Almirante Júlio César de Ncronha. O civismo de Laurindo Pita. O anonimato silencioso e profícuo dos nossos precursores, todos eles que, acostumados e identificados com os oceanos silentes, são respeitados e amados por nós que buscamos, no culto das tra-

dições e no sagrado reconhecimento de nosso passado, a base sólida e nobre para o futuro da grande civilização brasileira.

Preservando a nossa cultura, honrando nossas tradições, respeitando o nosso passado estaremos preparando o futuro e esperando-o com confiança.

Na profundidade de nossas esperanças e aspirações navegam os sonhos de nossos precursores. Somos felizes; nada precisamos destruir. Para sermos dignos basta-nos viver com entusiasmo o presente e edificar o futuro sobre o passado altivo e generoso.

Nesta voga, vamos lá!

N. A. — Ao publicar este trabalho, que tivemos a honra de apresentar no Serviço de Documentação Geral da Marinha durante as comemorações do 63º aniversário da Força de Submarinos, desejamos quebrar o silencioso

anonimato típico dos submarinistas e citar nominalmente alguns dos *bons companheiros*, com os quais tive a sorte de privar, muito devendo a eles a minha formação profissional, da qual tenho orgulho.

Desculpem-me romper o anonimato: Almirantes Aurélio Linhares, Octávio José Sampaio Fernandes, Alfredo Karam, Alfredo Ewaldo Rutter Mattos e Joaquim Januário de Araújo Coutinho Netto; Comandantes Nicolau Fernando Malburg, Gustavo Adolpho Engelke, Paulo Nogueira Pamplona Corte Real, Zaven Bogossian, José Carlos Rangel Urutigaray, Antônio Cordeiro Gerck, Marcílio de Meneses Garcia, João Baptista Torrents Gomes Pereira, Renato Tietzmann Silva.

Citaria, com justiça, muitos outros. Deixemos que continuem em *operação silenciosa*. A memória poderia falhar-nos ao querer citar todos. Estão, de alguma forma, lembrados, ao nominarmos acima dignos elementos da *família submarinista*. As fontes históricas consultadas e o valor que cederam ao texto, devemos ao Primeiro-Tenente submarinista Marco Polo Aureo Cerqueira de Souza que, jovem ainda, consegue unir pronunciada vocação operativa a uma extensa e nobre cultura.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — BRASIL, Ministério da Marinha. Serviço de Documentação da Marinha. Subsídios para a História Marítima do Brasil. *Programa Naval de 1904*. Volume IX. Rio de Janeiro, Imprensa Naval, 1950.
- 2 — CÂMARA, Raul Valença. *Biografia do Vice-Almirante José Machado de Castro e Silva*. Rio de Janeiro, 1948.
- 3 — CERQUEIRA DE SOUZA, Marco Polo Aureo. Primeiro-Tenente Submarinista. Entrevistas. Rio de Janeiro, jul. 1977.
- 4 — HESS, Emílio Júlio. *Submarino Nacional*. Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, 1º sem. 1895.
- 5 — LINHARES, Aurélio. *Abertura dos Portos Brasileiros*. Conferência na Associação Comercial de Ilhéus, 28 jan., 1970.
- 6 — PANGLOSS. O Dia — Submersíveis. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, jun. 1901.
- 7 — PERRY, Felinto. Os submarinos. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1º jun., de 1901.
- 8 — PERRY, Felinto. Os submarinos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2 jul., 1901.
- 9 — SCAVARDA, Levy. Os submarinos no Brasil — Notas para a História. *Navigador*, Rio de Janeiro, jun. 1973.
- 10 — Submersíveis. *Liga Marítima*, Rio de Janeiro, Ano 8, nº 87, set. 1914.
- 11 — VIANNA FILHO, Arlindo. Museu da Força de Submarinos. *O Periscópio*. Rio de Janeiro, jul. 1977.
- 12 — ———. *Operações de Submarinos*, Rio de Janeiro, Escola de Guerra Naval, 1976.
- 13 — ———. Perspectiva submarina. *Revista do Clube Naval*, mar./abr. 1976.
- 14 — ———. Submarinos de ataque. *Revista do Clube Naval*. Rio de Janeiro, 1977.
- 15 — ———. Submarinos e Submarinistas. In: *Semanário Bahia—Sul*, 1970.
- 16 — A VIDA NOS "FF". Coletânea prefaciada por Galvão Penalva. Rio de Janeiro, s/data.

MINISTÉRIO DA MARINHA
SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL
DA MARINHA

PUBLICAÇÕES À VENDA

Carta Náutica Anônimo — Antônio Sanches C. 1 633 (comentada) de 38x26 cm —	preço Cr\$ 11,00
Carta Náutica Anônimo — Antônio Sanches C. 1 633 (isolada) de 50x28 cm —	preço Cr\$ 4,00
Rendição da Corveta Dorrego (gravura a cores) 46x35 cm —	preço Cr\$ 6,00
Batalha Naval do Riachuelo (gravura a cores) de 46x26 cm —	preço Cr\$ 6,00
Bombardeio de Curuzu (gravura a cores) de 46x35 cm —	preço Cr\$ 6,00
Campanha Cisplatina (coleção de gravuras) de 38x28 cm —	preço Cr\$ 13,00
O Rio de Janeiro e a Defesa do seu Porto —	preço Cr\$ 90,00
A Reconciliação do Brasil com o Mar —	preço Cr\$ 32,00
A Bahia e seus Veleiros —	preço Cr\$ 32,00
História Naval Brasileira 1º Volume — Tomos I e II —	preço Cr\$ 200,00
Brasil — Costa Norte —	preço Cr\$ 90,00
Panorama do Poder Marítimo Brasileiro —	preço Cr\$ 26,00

Os preços acima são para o pessoal da MB